

AVISO DE DIREITOS AUTORAIS

Este material é de autoria exclusiva de **Roberta Calixto** e está protegido pela Lei de Direitos Autorais (Lei nº 9.610/98).

É expressamente proibida a reprodução, distribuição, compartilhamento ou utilização, total ou parcial, deste conteúdo, por qualquer meio, sem autorização prévia e por escrito da autora.

O uso indevido deste material configura violação de direitos autorais, sujeitando o infrator às medidas legais cabíveis, incluindo responsabilização civil e criminal.

Para solicitações de uso, citação ou compartilhamento autorizado, entre em contato com a autora.

© Roberta Calixto – Todos os direitos reservados.



PSICANÁLISE CLÍNICA

“AS REPRESENTAÇÕES PSÍQUICAS NA MITOLOGIA GREGA: UM ESTUDO PSICANALÍTICO EM MEDÉIA: ABERTOS NOVOS CAMINHOS”

RESUMO: O presente texto propõe uma análise psicanalítica do mito de Medéia, conforme apresentado na tragédia homônima de Eurípides, investigando as representações psíquicas do feminino à luz da mitologia grega e abrindo novos caminhos interpretativos para a compreensão da subjetividade humana. A narrativa mítica é abordada como um campo simbólico privilegiado para a expressão de conflitos inconscientes, especialmente no que concerne às dinâmicas de amor, traição, vingança, maternidade e violência extrema. Medéia é analisada como uma personagem multifacetada, cuja trajetória evidencia processos psíquicos complexos, tais como o investimento libidinal intenso no objeto amoroso, o narcisismo, a melancolia e a ambivalência afetiva. A partir da teoria freudiana, especialmente dos conceitos de narcisismo, luto e melancolia, o texto interpreta a ruptura com Jasão como uma perda narcísica que culmina na desorganização do eu e na emergência de uma fúria destrutiva. A ambivalência entre amor e ódio é compreendida como elemento estruturante da relação objetal, sustentando tanto os vínculos quanto sua dissolução violenta. Articula-se ainda a dimensão sociocultural da obra, dialogando com autoras como Olga Rinne, ao situar Medéia como figura simbólica da transição do matriarcado para o patriarcado e da conseqüente desvalorização do feminino dotado de poder. Conclui-se que o mito de Medéia permanece atual por revelar, de forma trágica e radical, os impasses do desejo, da perda e da constituição subjetiva, reafirmando a mitologia grega como um campo fecundo para a investigação psicanalítica dos fundamentos da vida psíquica e das relações humanas.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise, Mitologia Grega, Medéia, Psique

O MITO DE MEDÉIA

A peça se inicia com a personagem Medeia lembrando sua história com Jasão. Eles se conheceram quando ela o ajudou a obter o Velocino de Ouro, e ela se apaixonou por ele. Para auxiliar Jasão, Medeia traiu seu pai e matou seu irmão para que ambos pudessem escapar com o Velocino, após a fuga se estabelecem em Corinto e têm dois filhos. No entanto, Jasão decide se casar com Creusa, filha do rei Creonte, para melhorar sua posição social. Essa decisão causa grande sofrimento a Medeia, que se sente traída, onde consumida pela raiva e desespero elabora um plano de vingança contra Jasão. Ela presenteia Creusa com um vestido envenenado, que a queima quando ela o veste, na tentativa de ajudar sua filha, o rei Creonte também é morto. Medeia ainda com seu plano de vingança contra Jasão mata seus próprios filhos, alegando que é para protegê-los de um destino pior nas mãos dos coríntios. Esta é uma ação que choca e horroriza a audiência, pois ela destrói uma parte fundamental da ordem social e familiar. Após os assassinatos, Medeia foge em um carro mágico enviado por seu avô, o deus do sol, Hélios, fugindo assim da revolta dos coríntios.

A personagem de Medeia, da tragédia grega "Medeia" de Eurípides, é complexa e multifacetada, oferecendo diversas contribuições e possibilidades para a análise psicanalítica do feminino através da mitologia. A complexidade emocional de Medeia é central na obra de Eurípides, onde ela transita por uma gama de emoções, incluindo amor, ódio, vingança e desespero. Essa complexidade destaca as dimensões emocionais da feminilidade e dos desafios enfrentados pelas mulheres nas situações mais adversas.

Eurípides oferece uma representação complexa e desafiadora do feminino, explorando temas de amor, traição, vingança, maternidade, as consequências das decisões impulsivas e a posição social das mulheres na Grécia Antiga, e na atualidade. A personagem de Medeia apresenta-se como exemplo fascinante da riqueza e complexidade das representações femininas na mitologia grega, onde desafia as expectativas sociais da época ao retratar uma mulher que não aceita passivamente a injustiça, mas em vez disso toma medidas extremas para afirmar seu poder e se vingar. A figura de Medeia é complexa e contraditória, provocando reflexões sobre as profundezas da natureza humana, a fragilidade das relações sociais e os sentimentos humanos considerados abomináveis, tais como o ciúme, o ódio, a ira, a vingança e por fim o filicídio.

Heroína, vilã, bruxa, deusa, curandeira, feiticeira, amante, assassina, louca. É possível encontrar na personagem Medéia traços de uma mulher que rompe com os padrões já estabelecidos, para ir em busca do que deseja, viver o amor por Jasão, não permitindo que as outras pessoas a atrapalhem a cumprir com o que deseja, mesmo que isto custe a ela abandonar seu pai e matar seu irmão. Olga Rinne (1988), em seu livro “Medéia – O direito à ira e ao crime”, cita esta mulher como “símbolo de transição do matriarcado para o patriarcado”, uma figura ambivalente.

Da sua passagem, ou, mais exatamente, de seu rebaixamento de deusa de cura e da sabedoria para feiticeira poderosa, inteligente e ameaçadora, e, por fim, esposa ciumenta e infanticida, pode-se deduzir como a feminilidade e, acima de tudo, a feminilidade dotada de poder foi desvalorizada e vista como demoníaca na mesma proporção do crescimento do patriarcado. No patriarcado, Medéia era a “bárbara”, a estrangeira, “nenhuma das nossas”, porque as características que compõe sua força – 60 o orgulho, o espírito de resistência e o poder de decisão – só atuam ainda e, quando muito, no inconsciente de uma mulher que a sociedade patriarcal desejou e modelou. (RINNE, 1988. p. 13)

AMBIVALÊNCIA, O NARCISISMO E A MELANCOLIA EM MEDÉIA

O amor visceral sentido por Medéia no encontro com Jasão, mostrou o movimento de um evento psíquico inconsciente, uma catexia objetal, um investimento narcísico do objeto, que culminou no abandono de seus valores, traição a seus familiares, a seus deuses, sua vida social e a sua própria identidade onde na tentativa de elaboração desta perda, ela direciona todo seu investimento libidinal para Jasão. Freud (1914/1996i) faz menção ao desenvolvimento do narcisismo através do abandono da própria personalidade do indivíduo em favor do investimento no objeto externo, o que pode ser observado no aspecto de incorporação e identificação. Já que o objeto é narcisicamente idealizado, uma vez perdido este objeto, o sujeito perde também a possibilidade de desejar além do campo desse outro.

Medéia diante do dilaceramento dos sentimentos de amor foi tomada inicialmente por angústia e sentimento de abandono. Na qual utilizando da teoria psicanalítica podemos compreender como um estado de melancolia, onde o sentimento de perda desloca-se para o outro; o objeto é perdido, mas a sombra se projeta sobre o eu; isso se torna a perda do eu. Logo, ao perder Jasão, Medeia sente-se sem rumo, perdendo-se dentro de si mesma.

De todos os seres que respiram e pensam, nós outras, as mulheres, somos as mais miseráveis. Precisamos primeiro comprar muito caro um marido, para depois termos nele um senhor absoluto da nossa pessoa, segundo flagelo ainda pior que o primeiro. [...] Para uma mulher abandonar um marido é escandaloso, repudiá-lo impossível. Aquela que entra em uma nova vida e se sujeita à novas leis deve possuir a arte dos adivinhos para prever, pois que não conhece o homem de que vai partilhar o leito[...] O homem sai para distrair-se do seu tédio com algum amigo ou com pessoas da sua idade; mas nós, é preciso não termos olhos a não ser para ele. Dizem eles que levamos em nossas casas uma vida isenta de perigos, ao passo que eles combatem com a arma na mão; é falso. Eu preferiria tomar parte de três combates a dar à luz uma só vez. (EURÍPEDES, 2010, p. 25).

A fúria narcísica desencadeada em Medéia demonstra como um indivíduo se sente quando o objeto deixa de viver segundas suas expectativas, a perda causa um trauma psíquico que, para JORGE (2017), consiste naquilo que o sujeito não consegue simbolizar, abrindo espaço para o encontro com o não sentido. Em Medeia o sentimento melancólico foi capaz de levá-la à loucura, a ponto de atentar contra a vida dos próprios filhos para se vingar de Jasão. À luz da psicanálise de Freud, o sentimento de perda nutrido por Medeia em relação a Jasão evidencia a diminuição da autoestima da personagem, onde perdendo o amado perde-se em si mesmo.

Freud (1917/1996k), em “Luto e Melancolia”, apresenta-nos que, diante da perda de um objeto amado, o sujeito necessita passar pelo processo de elaboração dessa perda como um período de luto. Nesse processo, o indivíduo passa a investir sua libido em outros objetos, possibilitando que ele recupere partes de si que foram antes projetadas no outro.

Encontramos ainda na peça teatral de Medeia um dos principais conceitos psicanalíticos, a ambivalência, a qual é muito citada na psicanálise, tem como base a dinâmica pulsional, na qual estão em jogo as instâncias do aparelho psíquico (Laplanche & Pontalis, 1982). Ela baseia-se em um aspecto central da natureza humana: o aspecto destrutivo e, simultaneamente, construtivo dos relacionamentos, onde encontra-se a existência do amor e do ódio na relação com o mesmo objeto de afeto. Na visão de Freud, o ódio, e não somente o amor, participam tanto do processo de identificação como compõe a própria constituição do sujeito, inserindo-se nas bases que instituem os laços e as leis regentes não só do psiquismo, mas também das relações socioculturais. Freud (1996g), em sua obra Totem e Tabu (1912- 1913), traz relatos sobre a

ambivalência citando que ela se faz presente desde os primeiros laços da relação entre sujeito e objeto, reunindo impulsos e moções ao mesmo tempo ternas e hostis, ou seja, a coexistência de sentimentos contraditórios, como amor e ódio, em relação às mesmas pessoas. Ele argumentou que os relacionamentos emocionais muitas vezes envolvem uma mistura complexa de sentimentos positivos e negativos em relação aos outros.

A história das origens e relações do amor nos permite compreender como é que o amor com tanta frequência se manifesta como 'ambivalente' - isto é, acompanhado de impulsos de ódio contra o mesmo objeto. O ódio que se mescla ao amor provém em parte das fases preliminares do amar não inteiramente superadas; baseia-se também em parte nas reações de repúdio aos instintos do ego, os quais, em vista dos frequentes conflitos entre os interesses do Eu e os do amor, podem encontrar fundamentos em motivos reais e contemporâneos [...] (FREUD, 2013a, p. 144)

De acordo com Freud (1996i), em Introdução ao Narcisismo (1914), a ambivalência dos sentimentos de amor e ódio são decorrentes da divergência entre prazer-desprazer, onde, se o objeto propicia prazer, o indivíduo buscará tê-lo perto do Eu e incorporá-lo, porém, se este objeto, ao contrário, proporcionar o desprazer, o indivíduo irá repudiar o objeto e conseqüentemente o odiará. Como ocorreu em Medéia, onde o ódio pôde se intensificar a ponto de tornar-se agressivo, onde nas palavras de Freud "Se uma relação com um dado objeto for rompida, frequentemente o ódio surgirá em seu lugar, de modo que temos a impressão de uma transformação do amor em ódio" (Freud, 1996 I, p.161).

A tragédia "Medeia" é uma obra-prima que continua a ressoar devido à sua exploração profunda da psique humana e dos complexos dramas emocionais. A relação entre Jasão e Medeia, marcada por amor, ódio, traição e vingança, oferece um terreno fértil para análises psicanalíticas e críticas sociais, mostrando a atemporalidade das preocupações e dilemas humanos.

Medeia, é rica em elementos psicológicos e oferece espaço para várias interpretações sobre os processos psíquicos que moldam as ações da personagem principal, e de seu esposo Jasão. Várias teorias psicológicas e psicanalíticas podem ser aplicadas neste e em outros Mitos permitindo assim explorar a psique humana nos mais diversos personagens e elementos presentes na mitologia grega.

REFERÊNCIAS

EURÍPIDES. *Medeia*. Tradução de Mário da Gama Kury. São Paulo: Martin Claret, 2010.

FREUD, Sigmund. *Introdução ao narcisismo* (1914). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. v. 12. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. *Totem e tabu* (1912–1913). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. v. 11. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. *Luto e melancolia* (1917). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. v. 12. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. *O ego e o id* (1923). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. v. 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. *Fundamentos da psicanálise: de Freud a Lacan: as bases conceituais*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

KLEIN, Melanie. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos* (1921–1945). Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise* (1959–1960). Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

RINNE, Olga. *Medéia: o direito à ira e ao crime*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

WINNICOTT, Donald W. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed, 1983.

Este artigo é de autoria de Roberta Calixto. Sua reprodução ou uso indevido sem autorização constitui violação de direitos autorais, conforme a legislação vigente.



PSICANÁLISE CLÍNICA